

Larissa de Oliveira Neves¹

Apresentação

Em uma edição da revista *Dramaturgia em Foco* que tem como tema a modernidade no teatro brasileiro, nada melhor do que apresentar uma peça de um autor que, embora não seja estritamente moderno, foi um dos nomes que buscou uma renovação formal no teatro brasileiro do começo do século XX. Nascido em 1882, Roberto Gomes passou parte da infância e adolescência em Paris, onde obteve prêmios por seu brilhante desempenho na escola e iniciou a escrita de sua primeira peça, conforme afirma a pesquisadora Marta Moraes da Costa na introdução do livro *Teatro de Roberto Gomes*, por ela editado (Gomes, 1983). Ao voltar ao Brasil, em 1897, seguiu carreiras de escritor, professor, conferencista e dramaturgo. Escreveu peças que não se afastam do modelo tradicional do drama, mas que apresentam um tom lúgubre e simbólico, trazendo à tona os sentimentos profundos das personagens, que passam por dilemas de amor e solidão. Trata-se de um conjunto de peças que mereceriam ser revisitadas em encenações modernas, já que, à época, receberam apenas montagens convencionais, por que não tínhamos artistas cênicos com repertório de trabalho em encenação moderna, o que poderia ter dado nova luz aos dramas cheios de simbolismo do autor.²

A casa fechada foi sua última peça. Escrita em 1919, foi descoberta apenas depois de sua morte. Gomes se suicidou na noite de 31 de dezembro de 1922, ironicamente no ano da Semana de Arte Moderna de São Paulo. *A casa fechada* é sua peça mais conhecida e comentada, porque traz aspectos audaciosos em sua composição. A peça é notadamente inspirada na obra de Maurice Maeterlinck (1862 - 1949), autor belga admirado por Gomes e considerado um dos expoentes do teatro simbolista europeu. Maeterlinck ficou famoso

¹ Professora de teatro brasileiro e dramaturgia da Unicamp. Líder do grupo de pesquisa Peripécias: grupo de estudos em dramaturgia. Email: larissan@unicamp.br.

² *A casa fechada* foi encenada em 1953, período em que já vigorava o teatro moderno no país.

por um teatro visto como sem ação, o chamado teatro estático, que, com isso, romperia com uma das características principais do drama: a ação. No drama, os acontecimentos devem ocorrer uns após os outros, dinamizando as relações entre as personagens ou entre personagens e sociedade. Em obras de Maeterlinck, “nada acontece”.

Na peça *Interieur* (1895), que tem uma estrutura na qual *A casa fechada* se espelha, uma família composta de pai, mãe, duas jovens e um bebê está fechada em sua casa ao final do dia. A família, vista pelas janelas, demonstra uma imensa paz e tranquilidade: as filhas bordam, o pai está ao lado da lareira, a mãe se apoia na mesa e tem em seu colo o bebê que dorme. Do lado de fora da casa, duas personagens intrigantes estabelecem um diálogo enquanto observam a família pelas janelas da casa, são O Velho e O Estrangeiro. No decorrer do diálogo, ficamos sabendo que a filha mais velha teria ido passar a noite na casa da avó, que fica do outro lado do rio, mas foi encontrada morta afogada e presumivelmente teria se suicidado. O Velho e O Estrangeiro não sabem como dar a notícia para a família que, enquanto não sabe do ocorrido, permanece feliz, porque imagina que a filha mais velha está segura na casa da avó: “Le Vieillard: Ils sont tranquilles- Ils ne l’attendaient pas ce soir.” (Maeterlinck, 1999, p. 3).³

A peça se alterna entre os comentários sobre o que as duas misteriosas personagens veem dentro da casa (que as moças pararam de bordar, que o bebê dorme, que eles sorriem, que parecem olhar pela janela, etc.) e seu temor em relatar para a família o que aconteceu com sua filha mais velha: ela não vai voltar para casa viva. Em seguida, chegam Maria e depois Marta, duas mulheres com nomes bíblicos também simbólicos, cujo irmão, Lázaro, foi ressuscitado por Jesus. Aqui não haverá um final feliz, as duas velavam a morta e chegam para avisar sobre o corpo, que se aproxima carregado pela multidão. Não há mais tempo e O Velho bate à porta da casa para contar a notícia. Tudo que acontece dentro da casa é visto pelas janelas e é relatado para o espectador por meio de rubricas e dos comentários d’O Estrangeiro, de Maria e de Marta: ele entra, é recebido, não tem coragem de falar, senta-se, é interpelado pela família e, por fim, a notícia é dada. Todos saem da casa, enquanto a peça termina. A última frase, d’O Estrangeiro é: “L’enfant ne s’est pas éveillé!” (Maeterlinck, 1999, p. 9).⁴

O esquema da peça, em sua singularidade, consiste no fato de ela instaurar dois campos dramático-narrativos: o que ocorre no interior da casa, nunca ouvido, mas

³ “O Velho: Eles estão tranquilos. Eles não a esperam esta noite.” (tradução nossa).

⁴ “O bebê não acordou!” (tradução nossa).

visualizado pelo público e demais personagens pelas janelas; e o que ocorre fora, no jardim, onde ouvimos as personagens desesperadas e preocupadas lidarem com a melhor forma de anunciar um ocorrido. E o ocorrido mesmo, a ação, a morte, acontecera em outro espaço e tempo. Dessa maneira, trata-se de um texto teatral em que de fato nada acontece, porque as informações são dadas quase que imediatamente: a moça morreu, é preciso avisar a família. Seu interesse está na poética, nas figuras misteriosas, no sentimento que a presença da morte ainda não anunciada provoca; afinal, enquanto a notícia não é dada, nada aconteceu para os que amam a moça. E o bebê, inocente, sem conhecimento da verdade e dos acontecimentos, nunca perde sua paz, continua adormecido durante toda a peça.

Em *A casa fechada*, como o próprio título indica, a estrutura é semelhante: tem-se um espaço interno de uma casa que é observada por personagens do exterior. A diferença consiste no fato de que não há janelas; a rubrica inicial indica: “A casa está completamente fechada” (Gomes, 1983, p. 333). Nada se vê do que ocorre no interior e a família em foco não tem nada da placidez vislumbrada em *Interieur*. Assim, embora definitivamente haja um espelhamento de forma, Gomes criou sua própria dinâmica cênica.

São seis horas da tarde quando a peça se inicia; além da casa fechada, vê-se: uma lagoa que reluz ao longe, a entrada do Correio em primeiro plano (onde as personagens irão se reunir para comentar sobre o que aconteceu e o que acontece naquela casa), um lampião diante de uma árvore raquítica. À frente do Correio já se encontram Dona Sinfonia, que está à janela fazendo crochê, e Joaquim Aguaceiro, que apenas observa. Além disso, O Mendigo está sentado embaixo do lampião apagado. Ao iniciar a peça, entra O Pescador. Sob pretexto de enviar uma carta ao filho, ele veio ao Correio para observar a casa fechada. As demais personagens surgem consecutivamente: O Boticário aparece com o pretexto de comprar selos, Dona Eudóxia sai de dentro da casa do Correio, Dona Ritoca vem perguntar se há cartas para ela.

Por meio de uma conversa de tom natural e cotidiano, o público fica sabendo que algo aconteceu na noite anterior e que todos estão ali para ver uma mulher, logo nomeada Maria das Dores, embarcar no trem das sete horas. Para ir à estação, ela sairá da casa fechada e passará em frente ao Correio. As personagens, em tom de intriga e fofoca, comentam sobre o ocorrido sem saber dos detalhes, mas aos poucos as pistas são fornecidas ao espectador: Maria das Dores traiu o marido e, sendo flagrada, foi espancada

por ele durante a madrugada. Como ela se recusou a informar o nome do amante, que fugiu incógnito pela janela, o marido decidiu expulsá-la de casa e ela vai embora para a Capital no trem das sete horas. Quem narra a história é Geraldino, personagem que demora um pouco para chegar, gerando ansiedade no restante do grupo. Ele testemunhou o espancamento pela janela e narra em detalhes a tortura sofrida por Maria das Dores. Após a descrição sádica de Geraldino, é a vez d'O Pescador narrar um caso que ocorreu no sertão, com seu primo: ao flagrar a esposa com um amante, o marido queimou o corpo do rapaz parte por parte com um ferro em brasa até a morte e furou seus olhos ao final, em seguida matou também a mulher.

São sete personagens que se reúnem nas proximidades da casa fechada para falar sobre o que ocorreu lá dentro. À semelhança de *Interieur*, nada acontece de fato na cena, apenas comenta-se sobre algo já ocorrido. No entanto, diferentemente da peça de Maeterlinck, as personagens de Gomes apresentam um prazer sórdido em saber que aquela mulher tão bonita e bondosa era uma adúltera, fora espancada e agora seria expulsa de casa para nunca mais ver seus filhos. Enquanto em *Interieur* O Velho, O Estrangeiro, Marta e Maria sentem-se sensivelmente tristes com o sofrimento que irá incorrer à família que está dentro da casa, em *A casa fechada* ocorre o oposto. As falas daquelas sete personagens fofoqueiras são tão bem colocadas que conseguimos visualizar não só o sentimento mesquinho daquele agrupamento, como a hipocrisia ao tentarem levemente disfarçar a ânsia que estão em saber detalhes do ocorrido e em ver Maria das Dores seguir para seu novo destino, longe de suas crianças.

A única personagem do grupo que se compadece de Maria das Dores é Dona Eudóxia. Com frases curtas, ela mostra o quanto Maria das Dores era uma mulher caridosa que ajudava a todos. No entanto, o que prevalece é a inveja, o ressentimento e o moralismo exacerbado. Nem Dona Eudóxia consegue defender Maria das Dores completamente, ajustando seu discurso ao dos demais quando confrontada. No entanto, a peça apresenta formas mais potentes ainda do que o contraponto de Dona Eudóxia ao discurso das demais personagens para mostrar seu ponto de vista. Embora as falas dela ressaltem a vileza dos demais observadores (Dona Ritoca, por exemplo, tem uma crise de riso histérico quando Geraldino narra sobre o sangue que empapou o chão durante o espancamento sofrido por Maria das Dores), o que mais chama atenção são as figuras misteriosas d'O Mendigo, d'O Acendedor de Lampiões e da própria Maria das Dores.

A peça se desvincula do simbolismo maeterlinckiano e ganha uma proposta inovadora quando Gomes estabelece o realismo cru ao redor das sete personagens que esperam Maria das Dores sair de casa em paralelo com a delicadeza simbólica representada por O Mendigo e por O Acendedor de Lampiões. Segundo Marta Morais da Costa, isso se dá por meio de outra referência europeia: o teatro da paixão francês, que vigorava no período: “O teatro da paixão expõe sem hesitação as situações mais cruas, como o suborno, o adultério, a chantagem e a morte. [...] Na obra de Roberto Gomes, o realismo do ‘teatro da paixão’ foi atenuado pela influência de outra dramaturgia. Refiro-me ao autor belga Maurice Maeterlinck” (in Gomes, 1983, p. 22). Ao unir dois processos formais distintos, Gomes criou sua própria e original tessitura dramática – não se tem mais nem o teatro da paixão, nem o simbólico, mas uma nova proposta de carpintaria dramática, somente sua. Este encaminhamento é um dos elementos que faz da obra de Gomes um vetor para a modernidade dramática — ainda sem romper as barreiras convencionais, sua obra aponta para novas possibilidades de caminhos formais. *A casa fechada* é sua peça mais inovadora neste sentido, porque, ao estilo de Maeterlinck, escapa à ação dramática propriamente dita.

Além disso, especialmente nesta peça, a brasilidade da concepção ganha uma envergadura mais latente. Se toda sua obra mostra um aspecto da sociedade carioca, *A casa fechada*, de maneira contundente, apresenta um lado terrível da sociedade brasileira: aquelas personagens mesquinhas, ressentidas e invejosas fazem parte do cotidiano nacional — quem nunca se deparou com pessoas assim? E elas falam uma linguagem tipicamente brasileira: o cafezinho que nunca se recusa, o crochê, o moleque que recebe ordens, as medicinas populares, o banco em frente à porta para se sentar no final da tarde, o tomar a fresca, entre muitos outros detalhes que territorializam aquela localidade como sendo uma típica vila ou cidade pequena do interior.

O Mendigo, como indicado acima, é uma presença silenciosa e marcante que está em cena desde o começo da peça. Diferentemente do tagarelar enfatizado, por vezes alegre, por vezes exaltado, do grupo, O Mendigo permanece em silêncio, estático, misterioso. Por duas vezes, porém, ele é interpelado e é ele quem tem a última fala da peça. Primeiramente, ficamos sabendo que Maria das Dores oferecia jantar ao Mendigo todos os dias, o que mostra a bondade que regia o coração daquela que é o mote de toda a peça:

Dona Eudóxia (*apontando o Mendigo*): O pai Tobias é que vai sentir falta. Acabou-se a janta.
 O Boticário: Onde vais comer agora, hein, pai Tobias?
 O Mendigo (*fitos sem responder, e, após um silêncio, gravemente*) Deus é que sabe! (*Pausa.*)
 O Boticário: Antes não comer, que comer o pão do pecado (Gomes, 2025, p. 9).

O trecho se segue à conversa sobre o que será de Maria da Dores na capital. Ela vai embora, e O Mendigo perderá sua refeição diária. Ele, porém, responde apenas “Deus é que sabe!”, de maneira grave, o que chama com certeza atenção frente ao tagarelar contínuo e corriqueiro das demais personagens. Sua gravidade mostra sua distinção e, também, expõe manifestamente que ele não está ali para julgar ninguém, uma sabedoria da qual as outras personagens, com exceção de Dona Eudóxia, passaram longe. O Mendigo, aquele que vive nas ruas, que não tem nenhuma posse, que mal consegue alimentar-se, é a figura simbólica contrastante da peça em sua totalidade. A resposta d’O Boticário, judiciosa e terrível, aponta para o moralismo perverso daquela comunidade: ao trair o marido, ao dormir com um outro homem, Maria das Dores é recriminada completamente.

A segunda fala do mendigo surge num contexto de ainda mais rancor e revelações:

Dona Sinfonia: E fingindo-se de boa! Quando penso, Sr. Aguaceiro que, o mês passado, ela foi tratar da minha Ruth, na ocasião da tal epidemia! Eu também estava doente. Seis noites que ela passou na cabeceira da pequena, maculando com o seu contato impuro aquele anjinho de inocência! Quando penso nessa desgraça...
 Dona Eudóxia: Mas a menina salvou-se.
 Dona Sinfonia: Graças à Divina Providência.
 Dona Ritoca: Com certeza, ao sair, ela ia se encontrar com o tal rapaz.
 O Boticário: Ora se ia!
 Joaquim Aguaceiro: O tratamento era o pretexto.
 Dona Sinfonia: Ah! Aquela mulher é um monstro. Não é, Sr. Geraldino?
 Geraldino: Decerto.
 O Boticário: Força é o que ela merece. (*Nesse momento, o velho mendigo deixa cair o cajado. Joaquim Aguaceiro volta-se para ele ao ouvir o ruído e exclama:*)
 Joaquim Aguaceiro: E você, pai Tobias, que acha disso tudo?
 O Mendigo: (*Olhando-os, lentamente, depois de apanhar o cajado*) Essas coisas cá da terra a gente nunca pode explicar., nem julgar... Deus é que sabe... (*Silêncio.*) (Gomes, 2025, p. 14-15).

O autor sutilmente mostra, nas entrelinhas, a realidade, sem nunca nos revelar tal verdade sob a forma de ação. No diálogo acima conhecemos a bondade irrestrita de Maria das Dores, que passou uma semana cuidando da filha de uma vizinha durante uma

epidemia. Nada disso, porém, é relevante diante do “mau passo”. A vida íntima de Maria das Dores, que era casada com um homem bruto e violento (também apreendemos essa informação no entremear das linhas), torna-se um erro mortal, que anula toda e qualquer beneficência anterior. Ela teria ajudado a criança por interesse, ela merece a força. Explode, ali, a inveja contida daquelas pessoas, porque Maria das Dores era diferente, era silenciosa, era altiva, fazia o bem sem alarde. À menção de uma punição tão irracional e desproporcional, O Mendigo deixa cair seu cajado — como se tivesse um limite para a maldade que poderia ser proferida por aquelas personagens sádicas. Sua mensagem é a mesma da fala anterior: quem somos nós para julgar? Ninguém, do grupo, presta maior atenção a ele, e voltam para a narrativa grotesca sobre a tortura sofrida por Maria das Dores na noite anterior: “Ele puxava-lhe os cabelos, torcia-lhe os braços, sacudindo-a e repetindo sempre com raiva: ‘Diga o nome... Diga o nome...’” (Gomes, 2025, p. 15).

Na penúltima cena surge O Acendedor de Lampiões que, com apenas cinco falas, compõe um mote definitivo para o entendimento do texto:

O Acendedor de Lampiões: Minha luz é muito boa... Vocês é que não sabem ver.

O Pescador: Está bom... Não se zangue... Pare um tiquinho conosco para apreciar uma coisa bonita!

O Acendedor de Lampiões: Não posso parar. Tenho que seguir caminho... Há muita gente no escuro que espera pela luz... (Gomes, 2025, p. 19).

Em poucas palavras, de muita simbologia, O Acendedor de Lampiões revela a natureza do grupo, o fato de não enxergarem o mais importante. Ele literalmente leva luz para as cidades, mas metaforicamente revela para o público o que acontece ali. Além de divergir do grupo fofoqueiro ao recusar ficar ali para bisbilhotar a vida alheia, quando ele se afasta O Mendigo, que está embaixo do lampião, ganha um ponto de luz só para ele. Assim, após a saída d'O Acendedor, a figura emblemática e taciturna ganha mais foco. Se o espectador não prestou muita atenção nele até aquele momento (o que é difícil, senão impossível, pelo contraste estabelecido entre aquele indivíduo e o grupo), agora ele se ilumina.

A peça termina com a saída de Maria das Dores de sua casa. Ela passa silenciosa, elegante, coberta por um xale preto, enquanto seu filho mais velho chora no portão de casa. Quando se afasta, a um tempo hesitante e decidida, ouve-se o silvo da locomotiva, e “a voz do velho mendigo eleva-se na noite, grave e lenta: Deus é que sabe... Deus é que sabe...”

(Gomes, 2025, p. 21). O final é belíssimo e lúgubre. Julgada e condenada, não apenas pelo marido, mas por toda a sociedade dentro da qual sempre representou um papel prestativo e solidário, a mulher adúltera não recebe perdão. Apenas a figura proscrita d'O Mendigo, que não pode fazer nada, lamenta a falta de generosidade e compaixão daquele grupo que representa, sem dúvida, um lado sombrio da nossa sociedade.

Referências:

GOMES, Roberto. **Teatro de Roberto Gomes**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1983.

GOMES, Roberto. **A casa fechada**. Disponível em:
<https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000299.pdf>. Acesso em: 08 set. 2025

MAETERLINCK, Maurice. **Théâtre**. Oeuvres II. Tome 1. Bruxelles: Editions Complex, 1999. p. 501-520. Disponível em:
https://giedriuskuprevicius.lt/wp-content/uploads/2018/12/Maurice_Maeterlinck_LInterieur.pdf. Acesso em 08 set. 2025.

A casa fechada, **Roberto Gomes** **(1919)**

Personagens:

A Mãe

O Filho

A Agente do Correio

Dona Sinfonia

Ritoca

O Boticário

O Barbeiro

O Acendedor de Lampiões

Joaquim Aguaceiro

O Mendigo

O Delegado

O Moleque Jenipapo

Um Pescador

Uma Criança

ATO ÚNICO

(Uma rua tristonha, numa cidade do interior. Uma lagoa reluz ao longe. Ao fundo, à extrema direita, uma casinha de duas janelas, separada da rua por um pequeno jardim. A casa está completamente fechada. No primeiro plano, à esquerda, a entrada do Correio. Perto da porta, um banco. No centro, ao fundo, um lampião perfila-se diante de uma árvore raquítica. A rua é vista em diagonal. Seis horas da tarde.)

CENA I

(Dona Sinfonia, Joaquim Aguaceiro, Mendigo, Pescador.)

(Dona Sinfonia, à janela da agência, faz crochê e olha de vez em quando para a casa fechada. O Mendigo está sentado, imóvel, debaixo do lampião. Entra o Pescador com uma carta na mão e atravessa o palco. Quando ele vai penetrar no Correio, topa com Joaquim Aguaceiro, que, em pé, no solar, contempla a casa, ao longe.)

O PESCADOR: *(Cumprimentando.)* Boa tarde, patrão.

JOAQUIM AGUACEIRO: Boa tarde, Candonga. *(O Pescador entra, depois de cumprimentar Dona Sinfonia, e sai, logo após, sem a carta.)* Está metido a escritor, agora?

O PESCADOR: Foi a carta que mandei pro filho.

JOAQUIM AGUACEIRO: Está sempre trabalhando na cidade?

O PESCADOR: Sim, patrão. Há muito que não sei dele. Então, como estava me dando saudade, pedi ao Anfilóquio para escrever uma carta.

JOAQUIM AGUACEIRO: Quem sabe se ele não anda doente?

O PESCADOR: A última vez que tive notícias, ele estava bem forte e saudável. Mas lá na cidade os homens caem depressa. Ah! Patrão! Criança é o castigo da gente! *(Olha para Dona Sinfonia, que concorda com a cabeça.)*

JOAQUIM AGUACEIRO: Aqui ele já era meio extravagante. Ficava a jogar bilhar até as dez horas.

O PESCADOR: Eu, na idade dele, era um bicho... era um bicho para tudo. Tinham medo, tão bravo que eu era no trabalho.

JOAQUIM AGUACEIRO: Hoje ainda.

O PESCADOR: Qual! Tenho andado doente. Foi uma resfriadela que apanhei. *(Olha para o céu.)* O tempo não está bom para reumatismo... Está assim cozinhando... Mas vamos ter chuva. *(Olha ao longe.)* A lagoa está brilhando.

JOAQUIM AGUACEIRO: Trabalhou muito hoje?

O PESCADOR: Assim. A pesca não foi lá das melhores. E, para atravessar a lagoa, meu bote só pega três pessoas. A gente precisa suar muito para ganhar pouco. Ah! Se eu tivesse todo o dinheiro que perdi, já estava remediado.

JOAQUIM AGUACEIRO: Agora vai pra casa?

O PESCADOR: Vou sim, patrão. *(Pausa. Ele não se move.)* Vou, sim... *(Permanece imóvel. Afinal, dá um passo e para. Mostrando a casa ao longe, com a cabeça.)* Ainda estão lá dentro?

DONA SINFONIA: Estão, sim. Há mais de uma hora.

JOAQUIM AGUACEIRO: Ele é capaz de descobrir a coisa.

O PESCADOR: Ah! Com o Dr. Aprígio ninguém escapa. Moleque feio tem de entrar nela.

DONA SINFONIA: Não se ouve nada.

O PESCADOR: Nada. Está tudo fechado. Parece que estão a velar um defunto.

DONA SINFONIA: Desde a manhã, ninguém saiu.

CENA II

(Os mesmos, o Boticário.)

(O Boticário, chegando pausadamente, aperta a mão de Joaquim Aguaceiro, cumprimenta cerimoniosamente Dona Sinfonia, e, de alto, o Pescador.)

O BOTICÁRIO: Boas tardes, senhor aguaceiro.

JOAQUIM AGUACEIRO: Como passa, Sr. Simplício?

O BOTICÁRIO: Sempre bem. Deixei um instantinho a botica para comprar uns selos. Dona Eudóxia está?

JOAQUIM AGUACEIRO: Está. Ela anda um pouco atarefada. Desde manhã cedo teve gente como quê.

O BOTICÁRIO: Dona Sinfonia não largou a janela.

DONA SINFONIA: Estou com dor de cabeça... Preciso respirar.

O BOTICÁRIO: Tenho um bom remédio para dor de cabeça.

DONA SINFONIA: *(Continuando, sem responder.)* Preciso respirar. Não posso ficar trancada.

JOAQUIM AGUACEIRO: *(Olhando para a casa e piscando.)* Trancados estão eles.

O BOTICÁRIO: Já devem estar cheirando a mofo. *(Pausa.)* Que estarão fazendo? Ouviu alguma coisa, Dona Sinfonia?

DONA SINFONIA: Não ouvi nada, Sr. Simplício. Não costumo meter-me na vida dos outros.

O PESCADOR: Quem viu foi o Geraldino.

DONA SINFONIA: *(Largando o crochê.)* Ah! Ele viu?

O BOTICÁRIO: *(Sem afetação.)* Viu?

O PESCADOR: Viu, sim. Ele ficou de me procurar depois do serviço pra me contar a coisa. O doutor delegado já conversou com ele.

DONA SINFONIA: Ah! Conversou?

O PESCADOR: *(Importante.)* Conversou, sim. E agora está lá dentro com eles todos. Ah! Com aquele homem é preciso andar na linha. Senão, está tudo à toa.

DONA SINFONIA: *(Olhando para a casa.)* À-toa é ela. Santa Bárbara!

CENA III

(Os mesmos, Dona Eudóxia, a Agente do Correio.)

(Dona Eudóxia aparece à porta do Correio. Joaquim Aguaceiro, com indiferença afetada, vai se aproximando da casa fechada e passa lentamente rente às janelas.)

O BOTICÁRIO: Como tem passado, Dona Eudóxia?

DONA EUDÓXIA: Vou indo, Sr. Simplício. Dona Quintanilha está boa?

O BOTICÁRIO: Está, obrigado.

DONA EUDÓXIA: Deseja alguma coisa?

O BOTICÁRIO: Preciso de uns selos. Mas não há pressa... não há pressa...

DONA EUDÓXIA: Não quer entrar um pouquinho?

O BOTICÁRIO: Prefiro ficar aqui mesmo.

DONA EUDÓXIA: Então, não quer sentar-se?

O BOTICÁRIO: Aceito o seu convite, Dona Eudóxia. Sinto-me cansado.

JOAQUIM AGUACEIRO: Foram as emoções desta noite.

DONA SINFONIA: Ah! Cruzes!

DONA EUDÓXIA: Deixe lá o seu crochê, Dona Sinfonia. A esta hora, vai estragar a vista. *(Falando para dentro.)* Moleque! Traga uma cadeira! *(O Moleque Jenipapo aparece com uma cadeira. O Boticário senta-se nela; os outros no banco. O Pescador fica em pé. Aproxima-se Joaquim Aguaceiro.)*

O BOTICÁRIO: Por onde anda, seu compadre?

DONA SINFONIA: Ouviu alguma coisa?

JOAQUIM AGUACEIRO: Nada. Está tudo calado.

O BOTICÁRIO: Não é como esta noite.

DONA SINFONIA: Ah! Que barulheira!

O BOTICÁRIO: A Quintanilha até chorou de susto.

DONA EUDOXIA: Ah!

O BOTICÁRIO: Tive de lhe dar água de flor de laranja com umas gotas e... Urna composição minha. *(Pausa.)*

DONA EUDÓXIA: *(Voltando-se para a casa ao longe.)* Dizem que “ela” embarca no trem das sete.

O PESCADOR: Das sete.

DONA SINFONIA: Ela terá de passar por aqui.

JOAQUIM AGUACEIRO: Decerto.

O BOTICÁRIO: Homem! Já que vim até cá, estou quase a me demorar um pouco.

DONA SINFONIA: Até as sete.

JOAQUIM AGUACEIRO: Quero ver o seu jeito, quando ela passar.

DONA EUDÓXIA: Quem havia de dizer? Uma mulher assim tão direita!

O BOTICÁRIO: Oh! Eu sempre desconfiei... Essa gente calada...

DONA SINFONIA: E velha que ela é!

DONA EUDÓXIA: Velha, não!

DONA SINFONIA: Como não?

JOAQUIM AGUACEIRO: *(Ao Pescador.)* Que idade tem ela? *(Aos outros.)* Candonga sabe.

O PESCADOR: Ela já deve estar capinando os seus trinta e cinco.

DONA SINFONIA: *(De mãos postas.)* Trinta e cinco!

O BOTICÁRIO: E três filhos.

JOAQUIM AGUACEIRO: O Julinho já anda pelos seus quinze.

DONA EUDÓXIA: Coitado!

DONA SINFONIA: Pois eu também vou esperar para vê-la passar... Ia agora para casa, mas como todos ficam...

DONA EUDÓXIA: Não querem tomar café?

O BOTICÁRIO: Aceito, Dona Eudóxia.

JOAQUIM AGUACEIRO: Não vale a pena.

O BOTICÁRIO: Bem que vale.

DONA EUDÓXIA: Já está feito, Sr. Joaquim. É só trazer. Vou chamar o Jenipapo. *(Chamando.)* Moleque! Moleque! *(Olhando para dentro.)* Onde se meteu esse moleque? *(O Moleque Jenipapo entra correndo pelo fundo. Ele esteve atrás da casa fechada.)* Ah! Ele tinha ido espiar! *(Ao Moleque.)* Traga o café, depressa.

O BOTICÁRIO: *(Fazendo-o parar.)* Viste alguma coisa, moleque?

O MOLEQUE JENIPAPO: Não, senhor, senhor não. A casa está toda escura. *(Sai.)*

DONA EUDÓXIA: Uma casa que parecia tão feliz! Lembra-se, Sr. Joaquim? Havia sempre flores às janelas.

JOAQUIM AGUACEIRO: Parece que esta noite ele arrebentou até as flores.

O PESCADOR: Viu que estava desgraçado. Então foi desgraçando tudo.

DONA EUDÓXIA: É isso mesmo... Oh!

DONA SINFONIA: Que é?

DONA EUDÓXIA: Acendeu!

TODOS: Acendeu?

DONA EUDÓXIA: Vejam.

(Todos olham para a casa fechada. Com efeito, uma réstia de luz filtra pelas venezianas. Longo silêncio, durante o qual eles contemplam, imóveis, aquele feixe luminoso.)

O BOTICÁRIO: *(Murmura.)* Que será?

DONA SINFONIA: Não ouvem nada?

(Todos escutam. Pausa.)

JOAQUIM AGUACEIRO: Nada. *(Pausa.)*

DONA EUDÓXIA: Eu também preciso acender. *(Entra, acende o interior da casa e volta a ter com os outros.)*

DONA SINFONIA: Vê-se ainda. *(A uma senhora que chega.)* Oh! Ritoca! Há quanto tempo não a encontrava!

CENA IV

(*Os mesmos, Ritoca.*)

DONA RITOCA: (*Saudando a todos e abraçando Dona Sinfonia.*) Como vai sua obrigação?

DONA SINFONIA: Estou boa. E você?

DONA RITOCA: Não estou passando muito bem.

JOAQUIM AGUACEIRO: Pois não parece. Quando atravessava o largo, há pouco, estava dengosa como seriema no capim.

O BOTICÁRIO: Se não está boa, eu recebi da cidade umas pílulas que curam num instante. É só pedir.

DONA RITOCA (*Abraçando Dona Eudóxia.*) Vim até cá para ver se não havia cartas à minha espera.

DONA EUDÓXIA: Bem sabe que, quando há, sempre lhe mando levar. Não precisava incomodar-se. (*Entra o Moleque com uma bandeja.*) Toma café conosco?

DONA RITOCA: Não sei se tenho tempo... (*Mais baixo, rapidamente.*) Ela já saiu?

DONA EUDÓXIA: Não. Vai pelo trem das sete.

DONA RITOCA: Ah! (*Alto.*) Pois aceito... Uma canequinha.

DONA SINFONIA: Café nunca se recusa.

DONA EUDÓXIA: (*Ao Moleque, que acaba de servir o café.*) Uma cadeira! Depressa. (*Ele traz a cadeira e dirige-se, depois, para o lado da casa fechada, atrás da qual desaparece. Todos bebem o café aos goles.*)

DONA RITOCA: Estavam falando da Maria das Dores?

JOAQUIM AGUACEIRO: Estávamos. Quem havia de dizer?

DONA RITOCA: Eu não sei ao certo o que houve. Que foi, heim, Sr. Aguaceiro?

O BOTICÁRIO: (*A Dona Eudóxia.*) Ela já deve saber de cor. Desde manhã cedinho que se agarra a toda a gente para que lhe contem.

DONA SINFONIA: Quem conhece bem o caso é o Geraldino.

DONA RITOCA: O barbeiro?

O PESCADOR: Sim, senhora, Dona Ritoca. Tanto que ele ficou de me procurar, depois do serviço... Ele viu tudo, e já conversou com o doutor delegado.

(Passa ao fundo uma criança arrastando um papagaio. Quando chega diante da casa fechada, ergue-se na ponta dos pés e procura espiar. Depois, segue o caminho.)

JOAQUIM AGUACEIRO: Não sei como é que ele não apareceu.

O PESCADOR: Ainda não acabou o serviço. *(Pausa.)*

DONA RITOCA: *(Olhando para a casa.)* E ele? Não se sabe afinal quem é?

O BOTICÁRIO: Ela não quis dizer... Por nada. Ao senhor delegado talvez...

DONA SINFONIA: Parece até impossível.

DONA RITOCA: Não valia a pena fazer tanto xodó para acabar assim!

DONA EUDÓXIA: Que pena, meu Deus! Que pena!

DONA RITOCA: Lembra-se, Dona Sinfonia? Quando o coronel Fulgêncio passou uma tarde por aqui... Papai tinha preparado em casa um café de estalar a língua... Toda a gente à espera. Pois fizeram tanta intriga que o coronel acabou indo tomar café em casa da Maria das Dores.

DONA SINFONIA: Uma mulher que nem punha chapéu pra missa das dez!

JOAQUIM AGUACEIRO: Sim. O Matias está hoje desfalcado; mas já teve alguma coisa; e a Maria das Dores ainda hoje tem ar assim de gente grossa.

DONA EUDÓXIA: Quando ela entrava na igreja com seu grande xale preto, lembrava uma princesa...

O BOTICÁRIO: Pois está fresca, a princesa!

DONA RITOCA: Papai nunca perdoou o café do coronel. *(Pausa.)*

JOAQUIM AGUACEIRO: *(Olhando para a casa.)* E nada...?

O BOTICÁRIO: Até agora, nada. *(Silêncio.)*

DONA SINFONIA: Que vai ser dela, sozinha, na capital?

DONA RITOCA: Ora!

O BOTICÁRIO: Com o perdão da palavra, vai cair na malandragem.

O PESCADOR: Ela tem umas primas por lá.

DONA EUDÓXIA: Coitada da Maria das Dores!

DONA SINFONIA: Coitada quê, Dona Eudóxia? Coitado do Matias!

DONA EUDÓXIA: Ele era muito bruto.

JOAQUIM AGUACEIRO: Qual bruto qual nada! Mulher precisa é andar na linha.

O BOTICÁRIO: Pancada traz amor.

DONA EUDÓXIA: *(Apontando o Mendigo.)* O pai Tobias é que vai sentir falta. Acabou-se a janta.

O BOTICÁRIO: Onde vais comer agora, heim, pai Tobias?

O MENDIGO: *(Fita-os sem responder, e, após um silêncio, gravemente.)* Deus é que sabe! *(Pausa.)*

O BOTICÁRIO: Antes não comer que comer o pão do pecado.

O PESCADOR: Ah! Isso também não!

DONA SINFONIA: *(De repente.)* Oh!

(Todos olham. Vê-se entreabrir a porta da casa, donde sai o delegado seguido pelo escrivão. O Moleque Jenipapo, que espiava, escondido, atravessa a rua correndo. Todos calam, cumprimentam o delegado. Este toca de leve o chapéu e sai.)

O PESCADOR: Ele saiu.

DONA EUDÓXIA: Que terá havido, meu Deus!

DONA RITOCA: Mais logo vamos saber.

DONA SINFONIA: Está começando a esfriar, não acham?

DONA EUDÓXIA: Podemos entrar.

DONA RITOCA: Estamos muito bem aqui.

O BOTICÁRIO: Estamos, sim.

JOAQUIM AGUACEIRO: *(Puxando o relógio.)* Pouco falta para as sete.

DONA SINFONIA: E a estação fica tão perto!

O PESCADOR: Aí vem o Geraldino!

TODOS: Ah!

DONA RITOCA: Afinal!

CENA V

(Os mesmos, Geraldino.)

JOAQUIM AGUACEIRO: Então, Geraldino? Teve serviço até agora?

GERALDINO: Fui até a estação. *(Cumprimenta a todos.)* Boas tardes!

O BOTICÁRIO: Já se pode dar boa noite.

(Geraldino saúda com a mão o Pescador, que corresponde.)

DONA EUDÓXIA: Há muita gente na estação?

GERALDINO: Está cheia... Assim... Todos querem ver.

DONA SINFONIA: Que gente bisbilhoteira!

DONA RITOCA: Eu é que não me mexo.

GERALDINO: Também, ela tem de passar por aqui.

O BOTICÁRIO: Ela irá mesmo?

GERALDINO: Vai, pois não. Só se ela quiser dizer quem foi.

DONA EUDOXIA: O senhor delegado saiu agora mesmo.

GERALDINO: *(Importante.)* Sei. Já estive com ele hoje à tarde. *(Todos olham para o Geraldino, esperando que ele fale.)*

O PESCADOR: Mas você viu mesmo tudo, seu Dino?

GERALDINO: Vi, decerto.

DONA SINFONIA: Tudo?

GERALDINO: Tudo, tudo, não.

DONA RITOCA: Oh! Conte... Conte...

GERALDINO: Mas vosmecê já me ouviu contar hoje duas vezes. *(Todos se riem.)*

O BOTICÁRIO: *(A Dona Eudóxia.)* Está vendo?

DONA RITOCA: *(Zangada.)* Eu? Onde? Onde?

GERALDINO: Esta manhã, perto da vacaria, quando eu explicava a coisa ao Zé Menezes; e, antes das duas...

DONA RITOCA: Oh! Eu passava tão depressa... Não ouvi quase nada.

JOAQUIM AGUACEIRO: Não se zangue, Dona Ritoca.

DONA RITOCA: Não. Mas parece assim que sou curiosa!

GERALDINO: (*Dispondo-se a contar.*) Então, vá lá!

JOAQUIM AGUACEIRO: Quer pitar?

GERALDINO: Pois sim.

O BOTICÁRIO: Eu aceitava mais uma canequinha.

DONA EUDÓXIA: Moleque!... Café para o seu Simplício! (*Pouco depois entra o Moleque, com o café.*)

DONA SINFONIA: Então? Como foi isso?

GERALDINO: Foi assim... Eram onze horas. Eu passava pelo Beco das Formigas.

JOAQUIM AGUACEIRO: Às onze horas pelas ruas, seu malandro...

GERALDINO: Ora, não me interrompa...

O BOTICÁRIO: Deixe falar o Geraldino!

GERALDINO: Vinha da casa do Tinoco... A casa nova...

O PESCADOR: Um sujeito que outro dia mesmo estava arrancando mato, e depois ficou rico tão ligeiro!

GERALDINO: Assim não conto nada!

DONA RITOCA: Ora!

O BOTICÁRIO: Sossega! Gente!

GERALDINO: Está bom. (*A Joaquim.*) Dê cá fogo! (*Acende o cigarro, que se apaga.*) Passava lá pelos fundos do beco, quando me pareceu ouvir ao longe uma qualquer coisa de especial dentro da casa do Matias. Paro para ouvir. De repente, bate a janela com toda a força, e vejo um vulto a pular.

DONA SINFONIA: A pular?

GERALDINO: Fiquei assim indeciso, sem saber. Pensei a princípio num ladrão. Mas, enquanto estava a cismar, ele desata a correr que nem veado e cai no mato.

DONA EUDÓXIA: Por que não correu atrás?

DONA RITOCA: E não reconheceu?

GIRALDINO: Não pude. Vi só que era um rapaz novo, esperto... Mas não reconheci.

DONA SINFONIA: Novo... Esperto... Quem sabe se não era o Alcino?

O BOTICÁRIO: O Alcino ontem estava de cama. Melhorou com um xarope meu, excelente.

JOAQUIM AGUACEIRO: Quem sabe se o Antônio Ferraz...

DONA RITOCA: Ah! O Antônio Ferraz!

O PESCADOR: Qual! O Nico bem que andava a rondar a casa do Matias, mas não arranjou nada. Ela nem olhava para ele!

DONA RITOCA: *(Resmungando.)* Não olhava... Não olhava...

DONA SEFONIA: Então, a gente nunca há de saber?

GERALDINO: Só se ela disser...

O PESCADOR: *(Para si.)* Por que é que ela não diz...?

O BOTICÁRIO: Adiante, Geraldino!

GERALDINO: Fui chegando de mansinho até a janela, que tinha ficado entreaberta, e espiei lá para dentro. Gente! Estava o Matias com os olhos a saltar, agarrado à mulher, torcendo-lhe os braços. E batendo-lhe com a cabeça no chão... *(Redobra a atenção de todos.)*

DONA RITOCA: E ela gritava?

GERALDINO: Nem um pio. Ela não queria acordar os filhos.

DONA RITOCA: Ora veja!

GERALDINO: Parece que todas as noites, quando o Matias estava adormecido, ela ia devagarinho abrindo a porta da casa... Sabem que de dia ela não podia sair...

DONA EUDÓXIA: Que noites terríveis deviam ser aquelas!

O BOTICÁRIO: Ela com os filhos ao lado. Com a certeza de ser um dia apanhada.

DONA RITOCA: Ela não tinha medo de acordá-los?

JOAQUIM AGUACEIRO: Como é que a Maria das Dores, tão sossegada, tão refletida, foi desnortear assim, depois de velha?

DONA SINFONIA: Isso não se explica.

GERALDINO: São coisas!

JOAQUIM AGUACEIRO: Mas por quê?

DONA EUDÓXIA: *(Timidamente.)* A gente, às vezes, sente-se tão só!

DONA RITOCA: Só... com um marido e três filhos!

DONA EUDÓXIA: *(Vivamente.)* Não foi isso que eu quis dizer.

O BOTICÁRIO: Que foi que a senhora quis dizer, Dona Eudóxia?

(Silêncio.)

DONA EUDÓXIA: *(Depois de hesitar.)* Quis... *(Pára um instante.)* Eu bem sinto cá dentro, mas não sei explicar... Não sei...

(Olham para Dona Eudóxia. Pausa.)

DONA SINFONIA: Uma grande sonsa é o que ela era.

JOAQUIM AGUACEIRO: Não tem desculpa o que ela fez.

DONA RITOCA: Que acha o Sr. Simplício?

O BOTICÁRIO: Uma desavergonhada... Pior que uma cadela.

DONA SINFONIA: E fingindo-se de boa! Quando penso, senhor aguaceiro, que, o mês passado, ela foi tratar da minha Ruth, na ocasião da tal epidemia! Eu também estava doente. Seis noites que ela passou na cabeceira da pequena, maculando com seu contato impuro aquele anjinho de inocência! Quando penso nessa desgraça...

DONA EUDÓXIA: Mas a menina salvou-se.

DONA SINFONIA: Graças à Divina Providência.

DONA RITOCA: Com certeza, ao sair, ela ia se encontrar com o tal rapaz.

O BOTICÁRIO: Ora se ia!

JOAQUIM AGUACEIRO: O tratamento era o pretexto.

DONA SINFONIA: Ah! Aquela mulher é um monstro. Não é, Sr. Geraldino?

GERALDINO: Decerto.

O BOTICÁRIO: Força é o que ela merece.

(Nesse momento, o velho mendigo deixa cair o cajado. Joaquim Aguaceiro volta-se para ele ao ouvir o ruído e exclama.)

JOAQUIM AGUACEIRO: E você, pai Tobias, que acha disso tudo?

O MENDIGO: *(Olhando-os, lentamente, depois de apanhar o cajado.)* Essas coisas cá da terra a gente nunca pode explicar... nem julgar... Deus é que sabe... *(Silêncio.)*

DONA RITOCA: *(Ao Barbeiro.)* E depois?

GERALDINO: Depois...? Ele puxava-lhe os cabelos, torcia-lhe os braços, sacudindo-a e repetindo sempre com raiva: "Diga o nome... Diga o nome..."

O PESCADOR: *(Consigo mesmo.)* Mas por que é que ela não disse?

O BOTICÁRIO: Pudera! Se o Matias pegasse o rapazinho, esborrachava-o com um soco.

GERALDINO: *(Prosseguindo.)* Então, como ela não queria falar, ele apanhou à parede um grande chicote de couro e começou a bater-lhe, a bater-lhe até mais não poder. A princípio ela gemia baixinho, mas depois pegou a gritar, a gritar que era um gosto. Ele só repetia: "Diga o nome... Diga o nome..." E ela nada... Até que o sangue começou a pingar.

DONA RITOCA: O sangue?

DONA EUDÓXIA: Cruzes! *(Todos se aproximam do Geraldino, ofegantes. Os peitos arfam, os olhos brilham no crepúsculo.)*

GERALDINO: Sim. A cada chibatada, aparecia uma fitinha vermelha que ia escorrendo pelo corpo. Não sei se o Matias tinha dó, mas ele chorava também. E continuava, de chicote em punho, a dizer, chorando: "O nome... O nome... Diga o nome..." Ela torcia-se no chão, feito cobra. Arrastava-se, agarrava-se a ele, gritando: "Tem pena! Tem pena! Matias, eu te amei também!..." Quando o Julinho entrou no quarto, ela estava toda encharcada...

DONA SINFONIA: Encharcada?

GERALDINO: O assoalho estava vermelho, como se tivessem amassado goiaba...

(Nesse momento, Dona Ritoca desanda a rir nervosamente. Todos olham, estupefatos. Geraldino interrompe-se. Mas a risada continua, cada vez mais nervosa, mais estridente.)

O BOTICÁRIO: Que é, Dona Ritoca?

DONA EUDÓXIA: Está incomodada?

DONA SINFONIA: Quer ir lá pra dentro?

DONA RITOCA: *(Insistindo, e continuando a rir-se, diz, com palavras entrecortadas e ofegantes.)* Não... Não... Mas... Eu imaginava a Maria das Dores, oferecendo chá ao coronel, com seus ares de princesa... e ontem... o chicote... e o sangue... *(E ri-se, ri-se sem parar. Todos entreolham-se, em silêncio, com certo constrangimento. Longa pausa.)*

DONA SINFONIA: Coitada da Ritoca! Tão sensível!... *(A Dona Eudóxia.)* Não tem um pouco de vinagre?

DONA EUDÓXIA: Sim. *(Entra e volta com o vinagre, que faz respirar a Dona Ritoca, enquanto a conversa recomeça.)*

JOAQUIM AGUACEIRO: Foi só o Julinho que entrou?

GERALDINO: As pequenas também. Elas estavam com medo, mas o Matias arrastou-as até o quarto e disse à mulher: “Olha bem, pela última vez... Se não queres dizer o nome, amanhã tu saís desta casa para sempre, e nunca mais verás teus filhos... Nunca...”

O BOTICÁRIO: E ela não disse?

GERALDINO: Não.

O PESCADOR: *(Meditando.)* Mas por quê?

DONA SINFONIA: Que mãe sem entranhas!

DONA EUDÓXIA: No entanto, bem extremosa que ela era!

O PESCADOR: Era, sim. E ela vai deixar os filhos para sempre.

DONA SINFONIA: Disfarce!

DONA EUDÓXIA: Mas, Sr. Geraldino, por que é que o senhor não entrou no quarto quando viu isso?

GERALDINO: Oh! Dona Eudóxia... Eu não me meto nas brigas de casais... Não me casei, foi para não brigar.

DONA EUDÓXIA: Que noite horrorosa! Fui acordada em sobressalto pelo Julinho.

DONA RITOCA: Ah! O Julinho esteve aqui?

DONA EUDÓXIA: Veio pedir-me um remédio para a mãe, que não podia mais...

O BOTICÁRIO: Em vez de ir à botica... E a senhora deu?

DONA EUDÓXIA: Pois não.

O BOTICÁRIO: Não posso deixar de estranhar essa atitude, Dona Eudóxia! A senhora... uma funcionária exemplar, de vida tão correta, pretender aliviar o castigo de uma criminosa!...

DONA EUDÓXIA: Desculpe, Sr. Simplício. Não tive em vista desgostá-lo. Mas, quando uma criatura sofre, acho que é sempre digna de piedade.

O BOTICÁRIO: São ideias subversivas, Dona Eudóxia. Ai de nós se todos assim pensassem!

DONA EUDÓXIA: Tanto mais que o Matias era longe de ser um marido exemplar. É um homem...

O BOTICÁRIO: É um homem. É o dono. Tem todos os direitos.

JOAQUIM AGUACEIRO: Isso tem.

DONA EUDÓXIA: É possível. Não sei. Não sei me exprimir... Mas isso assim não está direito.

DONA SINFONIA: Não acha justo o castigo?

DONA EUDÓXIA: Não sei. Mas a Maria das Dores, que foi, durante tantos anos, tão boa mãe, tão boa esposa, tão boa para todos... Como é que perde tudo assim, num dia só... Isso não é justo... Não é justo...

O BOTICÁRIO: Pois eu acho que ele foi até bem bom. Não é? *(Volta-se para Joaquim Aguaceiro, que aprova com a cabeça.)*

GERALDINO: Eu matava.

DONA EUDÓXIA: Oh! Sr. Geraldino!

JOAQUIM AGUACEIRO: *(Ao Pescador.)* E você, Candonga? Que diz?

O PESCADOR: *(Começando a falar, sem responder.)* Lá pelo sertão de Minas, morava um primo meu, o Xicão. Estava casado com uma mulher linda... Eu a conheci... Uma noite, ele ouve barulho dentro de casa... Levanta-se, pega a garrucha e vai ter até o sótão. *(Cospe.)* Lá, ele topa com a mulher nos braços dum rapaz, um desses cometas vagabundos que andam a correr pelas estradas.

DONA SINFONIA: Matou os dois?

DONA RITOCA: *(Pegando-lhe o braço, súplice.)* Oh! Deixe falar...

O PESCADOR: Ele atracou o rapaz. Era um valente, o Xicão, e forte, como o Matias. Amarrou o homem aos pés da cama, enterrou-lhe um lenço na boca para que não pegasse a gritar...

DONA SINFONIA: E depois...?

O PESCADOR: Depois?... Fez esquentar um ferro na trempe. Quando esteve em brasa, deu-o à mulher, mostrou-lhe o rapaz amarrado e disse: “Vai... Espeta!”

DONA EUDÓXIA: Ah! Que horror!

DONA RITOCA: E ela?

O PESCADOR: Ela a princípio não queria. Ele então encostou-lhe a garrucha na testa e disse: “Espeta ou eu atiro!...” (*Pausa.*) Então ela espetou.

DONA EUDÓXIA: Oh!

O PESCADOR: Espetou a noite inteira. O Xicão não tinha pressa... Ele dizia: “Espeta aqui... estes braços que te abraçaram... aqui esta boca que te beijou... Espeta!” De vez em quando ele mandava parar, pra esticar... Quando o rapaz desfalecia... ele deixava que acordasse para continuar... A carne cheirava... De madrugada, furou-lhe os olhos...

DONA EUDÓXIA: Oh!

O PESCADOR: (*Calmo.*) Ele tinha deixado os olhos pro fim... Até que o outro morreu. Já nem parecia gente.

DONA RITOCA: E a mulher?

O PESCADOR: O Xicão matou-a logo em seguida. Enterrou-a na fazenda. Mas o corpo do rapaz ficou pros urubus.

O BOTICÁRIO: Ah! O Xicão era um homem.

O PESCADOR: Um sujeito às direitas.

JOAQUIM AGUACEIRO: Vêem que o Matias ainda foi bem manso.

O BOTICÁRIO: (*Puxando o relógio.*) Já são quase horas do trem...

DONA SINFONIA: Ela é capaz de não ir.

GERALDINO: Vai, sim.

DONA EUDÓXIA: E se ela disser o nome?

GERALDINO: Não diz, não. Mulher quando bate o pé... *(O Pescador faz um gesto de quem não compreende.)*

CENA VI

(Os mesmos, o Acendedor de Lâmpioes.)

(Ele vai entrando devagar e acende lentamente o lâmpio.)

JOAQUIM AGUACEIRO: Oh! Velho Aprígio!

O ACENEDOR DE LÂMPIÕES: Boas noites!

O BOTICÁRIO: Acenda bem, Aprígio... que nós precisamos ver direito...

O ACENEDOR DE LÂMPIÕES: *(Acendendo.)* Pronto.

JOAQUIM AGUACEIRO: Que luz desgraçada!

GERALDINO: Qual, meu velho! Sua luz não presta!

O PESCADOR: Não se vê nada.

O ACENEDOR DE LÂMPIÕES: Minha luz é muito boa... Vocês é que não sabem ver.

O PESCADOR: Está bom... Não se zangue... Pare um tiquinho conosco para apreciar uma coisa bonita!

O ACENEDOR DE LÂMPIÕES: Não posso parar. Tenho que seguir caminho... Há muita gente no escuro que espera pela luz...

O PESCADOR: Então, boa noite!

O ACENEDOR DE LÂMPIÕES: *(Saindo.)* Boa noite!

CENA VII

(Os mesmos, menos o Acendedor de Lâmpioes, depois, o Filho.)

O BOTICÁRIO: *(Murmura.)* Velho maluco!

(Ouve-se o sino da estação e, ao longe, o arfar surdo do trem.)

DONA RITOCA: O trem vai chegar!

DONA SINFONIA: E ela não embarca!

O BOTICÁRIO: Embarcará, sim, à última hora... correndo...

JOAQUIM AGUACEIRO: De vergonha...

DONA SINFONIA: Eu nem hei de olhar para ela!

DONA RITOCA: *(A Dona Eudóxia.)* Dê-me o seu xale, Dona Eudóxia. Estou sentindo frio... *(Dona Eudóxia vai buscar o xale, que estava numa mesa perto da porta. Dona Ritoca entra com ela.)*

GERALDINO: *(De repente.)* Ela está saindo! *(Aponta para a casa. Com efeito, a porta abriu-se. Todos olham com ânsia. Mas quem sai da casa é um rapazinho em mangas de camisa. Desce lentamente os degraus da porta e, sem olhar para ninguém, vai encostar-se ao muro que separa o jardim da rua, com a cabeça descansando nos braços.)*

DONA SINFONIA: *(Baixo.)* É o Julinho.

O BOTICÁRIO: O Julinho, sim.

(Sussurro geral.)

DONA SINFONIA: Que é que ele veio fazer?

O MOLEQUE JENIPAPO: *(Surgindo de repente.)* Ela já vem! Ela já vem!

(Movimento de todos.)

JOAQUIM AGUACEIRO: Você viu?

O MOLEQUE JENIPAPO: Espiei, sim. Ela acabou de preparar a trouxa. Vai sair.

DONA SINFONIA: *(Gritando para dentro.)* Ritoca! Ritoca! Ela vai passar! *(Aparecem Dona Ritoca e Dona Eudóxia, em seguida.)*

GERALDINO: Quer sentar, Dona Ritoca?

DONA RITOCA: Em pé vê-se melhor.

(Ouve-se o silvo do trem que está chegando.)

O BOTICÁRIO: Ela é capaz de perder o trem.

DONA EUDÓXIA: Qual! Esses trens... a gente nunca perde...

DONA SINFONIA: *(Chamando.)* Venha aqui, Ritoca!

DONA EUDÓXIA: E ela não verá mais os filhos?

O BOTICÁRIO: Nunca!

O PESCADOR: *(Só para si.)* Mas por que é que ela não disse o nome?

TODOS: Oh! Oh! Oh!

CENA VIII

(Os mesmos, Maria das Dores).

(Abre-se de novo a porta, e, destacando-se, no fundo luminoso da sala, aparece no limiar o vulto de Maria das Dores. Um grande xale preto cobre-lhe a cabeça e cai até os joelhos. Na mão, uma pequena trouxa. Ela começa a caminhar, rígida, de rosto fechado, sem olhar para ninguém. Ouve-se um sussurro no grupo. Mas alguém faz “Pst” e o silêncio torna-se geral. Todas as personagens estão na penumbra. Só o velho mendigo iluminado pela luz do lampião. Quando Maria das Dores passa por ele, ele ergue-se e tira o chapéu. Então, no meio do silêncio mortal, ouve-se um soluço abafado e desesperado. É o filho que está chorando, encostado ao muro. Ela tem um longo estremecer do corpo todo. Atrasa insensivelmente o passo um segundo, mas continua a caminhar sem um gesto e sem se voltar. Todos a acompanham com os olhos. Ouve-se novamente o silvo da locomotiva. Então, a voz do velho mendigo eleva-se na noite, grave e lenta.)

O MENDIGO: Deus é que sabe... Deus é que sabe...

FIM

Submetido em: 06 nov. 2025

Aprovado em: 28 dez. 2025